

A POESIA INTERROGATIVA E ASSERTIVA DE MARIA DE LOURDES BELCHIOR

ARNALDO SARAIVA*

Resumo: *O ensaio aborda a poesia de Maria de Lourdes Belchior, em particular o seu volume de 1985, Gramática do Mundo. Ponderada estreia tardia, trata-se de um livro de clara maturidade poética que, valendo-se livremente de estéticas recentes, parece querer recriar palavras da liturgia e da vida comum, que nele podem ser contempladas fora do quadro de uma explícita religiosidade.*

Palavras-chave: *Maria de Lourdes Belchior; poesia; Gramática do Mundo.*

Abstract: *This essay discusses the poetry of Maria de Lourdes Belchior, particularly her 1985 volume, Gramática do Mundo. A thoughtful, belated debut, it is a book of clear poetic maturity that, drawing freely on recent aesthetics, seems to seek to recreate words from the liturgy and common life, that can be seen which in it can be contemplated outside the framework of an explicit religiosity.*

Keywords: *Maria de Lourdes Belchior; poetry; Gramática do Mundo.*

Os que como eu já tinham em 1983 longo convívio com a pessoa ou as publicações de Maria de Lourdes Belchior [Pontes] não podiam deixar de ficar surpreendidos quando viram na revista *Colóquio / Letras*, datada de setembro desse ano, o seu nome a assinar três poemas. E mais surpreendidos ficaríamos dois anos depois com a publicação do livro, em que eles figuravam, *Gramática do Mundo*. Ela já contava nessa altura mais de 60 anos, e até então ninguém ou quase ninguém suspeitaria das suas incursões poéticas, dando-a apenas como ensaísta, que aliás se distinguira no estudo de poetas como Frei Agostinho da Cruz, Frei António das Chagas e Rodrigues Lobo, ou como ilustre professora da Faculdade de Letras de Lisboa, pioneira na revalorização do barroco ou na prática da crítica estilística, e como colaboradora de jornais e revistas, entre as quais *Graal*, de cujo corpo redatorial fez parte. Poucos, certamente, lembrariam nessa altura que ela já se ocupara de poetas da geração de 40 e de outros, como os seus amigos Sebastião da Gama e David Mourão-Ferreira ou como Claudel e Murilo Mendes, ou que fizera parte do júri que atribuiu a José Gomes Ferreira o 1.º Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores, e que respondera a um inquérito do *Jornal de Artes e Letras* sobre «O Que é a Poesia?».

Três anos depois apareceria com outro livro, *Cancioneiro para Nossa Senhora — Poemas para uma Via-Sacra*. Escrito como indica um paratexto final por ocasião do ano mariano de 1987/88, este livro veio acrescentar quase meia centena de poemas aos milhares de poemas de temática ou incidência mariana que já existiam na poesia de língua portuguesa, muitos dos quais estão recolhidos em antologias como *Cancioneiro da Virgem*, de Antero Pacheco Moreira (1926), *A Virgem Maria na Poesia Portuguesa*, de António Salvado (1970), ou na antologia brasileira *Nosso Senhor e Nossa Senhora na*

* CITCEM-FLUP (UID/04059/2025; DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>). Email: asaraiva@netcabo.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7060-1088>.

Poesia Brasileira, de Da Costa Santos (1951), e em antologias de poesia religiosa como *Cem das Melhores Poesias Religiosas da Língua Portuguesa*, de César de Frias (1932), *Antologia de Poesias Religiosas* desde o século XV, de Guilherme de Faria (1947; editada em 1996, pela Europa-América, com o título *As Mais Belas Poesias Religiosas*), *Na mão de Deus: Antologia da Poesia Religiosa Portuguesa*, de José Régio e Alberto de Serpa (1958), às quais ainda poderíamos associar antologias da poesia de Natal e da Paixão, e cancioneiros de romarias ou recolhas de cânticos religiosos e de orações. Se a mãe de Jesus é muito celebrada na poesia de outros países como a Espanha, basta ver a antologia *Santa María, la Virgen: Antología de Poesía Mariana*, de Feliciano Blázquez (2006), ela é privilegiada especialmente, decerto mais do que Cristo, na poesia de língua portuguesa ou galaico-portuguesa, que logo no século XIII inspirou as 427 *Cantigas de Santa Maria* atribuídas ao rei Afonso X. Mas sabemos da importância que, séculos antes da projeção de Fátima, tinha em terras portuguesas o culto de Nossa Senhora, já relevado por muitos historiadores ou estudiosos, entre os quais Alberto Pimentel (*História do Culto a Nossa Senhora em Portugal*, 1899), Joaquim Alberto Pires de Lima e Fernando de Castro Pires de Lima (*Nossa Senhora em Portugal*, 1947, que por sinal termina com uma parte consagrada à «Virgem e os poetas») e José Quelhas Bigotte (*O Culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda*, 1948).

Maria de Lourdes Belchior conhecia bem esse culto ou essa tradição poética; e sendo uma mulher de profunda vivência católica, ainda que a não exibisse, e chamando-se Maria, e mais, Maria de Lourdes — recorde-se que em 1958 até publicou um texto a celebrar o centenário das aparições em Lourdes —, não estranharemos o impulso poético que à véspera da celebração de um ano mariano a levou a escrever as duas séries de poemas que constituem o seu livro: uma de 33/34 (os dois últimos poemas têm o mesmo título) e outra de 14, números que simbolicamente remetem, como notou Fernando Martinho, para os anos de vida de Cristo e para as estações da via-sacra.

Ao contrário do que pode parecer, as duas séries não contrariam a unidade ou a coerência do livro. Na segunda, os 14 poemas, que em geral têm medida mais curta do que os da primeira, fixam-se na cena essencial de cada uma das 14 estações da *via crucis*, mas não focalizam mais Jesus do que a sua mãe. Por exemplo: o primeiro poema começa por aludir ao julgamento de «Deus», mas do 3.º ou 4.º ao 17.º verso, o último, a narração inclui meia dúzia de interrogações endereçadas por quem enuncia a Nossa Senhora, e conclui aludindo aos sentimentos e ao sofrimento que o sofrimento do filho provoca na mãe. Cada poema começa, como regra, pela referência à cena a caminho do Calvário, mas o que parece mais relevante para quem narra e interroga é a repercussão, sempre dramática ou trágica, que a cena tem no corpo, na expressão gestual ou no espírito de Maria, nome que por sinal só aparece em três poemas (IV, XI e XIV); mais vezes aparece o nome de «Mãe», mas a nomeação comum é «Senhora», «Nossa Senhora», que pode prolongar-se em «da compaixão» (X) ou «da Piedade, Pietá» (XII). Para dar vida às cenas, todos os poemas, salvo o IV, o XI e o XII, usam o discurso dito cénico; mas se nos poemas III, V, X e XII o discurso direto se dirige ao «Senhor», é como regra à Senhora que se dirige a voz enunciativa, quase sempre interrogativa, como se quem pergunta se preocupasse

mais com a Mãe do que com o Filho, com a Mulher do que com o Homem; e a empatia ou simpatia feminina não esquece a Verónica nem as «santas mulheres» que compraram bálsamo e perfumes.

As perguntas explícitas compõem na maior parte dos poemas, e por vezes de modo denso. Veja-se que só no primeiro poema, com 17 versos, encontramos 8 interrogações:

*Tê-lo-ás seguido? de longe? de perto?
de sangue coberto dos golpes ritmados dos algozes?
quando principiou, Senhora?
aquiessências à vontade do Pai?
teu coração sangrava, Senhora, e adivinhava?
a sequência dolorosa da condenação?*

Mas as interrogações explícitas — não falamos das que são feitas em frases declarativas —, que poderão passar por retóricas, e que evidentemente não são acompanhadas de respostas, valem como manifestações de com-paixão e de solidariedade, ou como momentos e motivos de consciencialização do sofrimento humano, que só pode ser atenuado e curado no refúgio espiritual ou com a intervenção divina. É esta a certeza ou a resposta, definitiva, única, a todas as interrogações.

Os poemas da primeira parte do livro, *Cancioneiro para Nossa Senhora*, valem-se como regra de outras modalidades discursivas que não a interrogativa, são em sua maioria narrativos e descritivos, contemplando sinteticamente os momentos mais importantes da biografia de Maria (encarnação, visitação, assunção, calvário, motivador de dois poemas que podiam vir na parte referente à via-sacra), alternando com poemas de outro tipo, como já acontecia nas *Cantigas de Santa Maria*: poemas de celebração e louvor, quase diria latrêuticos, como se diz dos que implicam Deus, ou exclamativos, como «Senhora do grande sim» e «Senhora do Ó» — nome que gerou o feliz jogo paronomástico: «*todos os ohs!, exclamações inúmeras, / nascidas do espanto e da maravilha / de seres Mulher e Mãe de Deus*» (Belchior 1988 p. 11). Mas há também poemas confessionais («e fico em silêncio a contemplar-te», «Rezo todos os dias o terço»...); poemas que contêm súplicas ou precações, sempre de teor espiritual («Roga por nós»..., «Dá-me, Senhora, o teu Verbo»...); e poemas reflexivos, até com alusões literárias, intertextuais ou metatextuais: o primeiro poema cita Cristovam Pavia, outro tem uma epígrafe de Ruy Belo, outro é uma glosa de versos de Ruy Cinatti; o poema «Visitação» alude à serena Virgem Maria, alusão que é seguida do pouco feliz comentário: «(Com *serena* deveria rimar *morena* e não estaria mal quanto à tez de Maria); o poema «Mãe de Deus e Mãe dos homens» fala em trindade e acrescenta, também parenteticamente «(Vieira ousou chamar-te de / quarta pessoa divina); o poema «Mãe» diz que «Os poetas inventaram palavras para vos nomear» e acrescenta, igualmente entre parênteses, «(assim António Nobre, imaginação a desbordar)». Mas há todo um poema que reflete sobre «formas de tratamento»:

*Dantes tratávamos as nossas Mães de vós
As gerações de agora tratam as Mães de tu
nem mais nem menos ternura, só talvez
certa desenvoltura no uso da fórmula tu.*

Este poema (Belchior 1988, p. 33) justifica a oscilação que encontramos não só de poema para poema mas até no mesmo poema («teu filho» / «vosso filho», Belchior 1988, p. 19; «vosso ventre» / «teus filhos», p. 20); mas também há oscilação na invocação da Senhora em nome individual, e individual e coletivo: «Minha Senhora» (Belchior 1988, p. 31); «Minha Nossa Senhora» (Belchior 1988, pp. 39-40).

Seria interessante inventariar e distinguir os qualificativos, os epítetos ou os nomes de Maria, relacionados com a euforia ou a disforia humana, que percorrem o livro de Maria de Lourdes Belchior. No poema «Senhora das Graças» lemos: «Chamamos-te de mil e uma maneiras com nomes / quase inumeráveis» (Belchior 1988 p. 31).

Digamos apenas que Maria de Lourdes Belchior trabalha com velhos epítetos — Nossa Senhora, Mãe, Mãe de Deus, mãe dos homens, mulher, medianeira, porta do céu, etc. — ou com nomeações populares ou canónicas de Nossa Senhora (que só numa breve passagem é vista com dois ou três traços físicos, e que noutra passagem é dada como «criatura humana, / frágil, limitada») (Belchior 1988, p. 25), mas inventa outras, por exemplo: Nossa Senhora do fim da tarde, Senhora da palavra, Nossa Senhora do Século XXI, Senhora da Parusia. Nestes últimos poemas há uma energia prosódica ou versificatória e uma originalidade que até pode conceber a parusia da Virgem (quando a teologia só concebe a de Cristo) e que falta a outros poemas, onde deparamos com passagens frouxas, com uma adjetivação preguiçosa, com imagens que são velhos *clichés*, com repetições que não se confundem com as admissíveis de fórmulas do tipo «agora e sempre» (Belchior 1988, p. 35), «agora e na hora da nossa morte» (Belchior 1988, p. 33 e p. 62); talvez por urgências de calendário do ano mariano, até deparamos com falhas como a que no primeiro verso do livro refere «Cristovam de Pavia», que era só Cristovam Pavia, com a construção «subiste ao céu [...] e nos deixastes órfãos», e com uma ou outra incoerência ortográfica no uso de maiúsculas ou minúsculas. No entanto, foi ela que no poema «Mãe» se deu conta de que

*As palavras da Escritura estão acaso gastas do uso
ensalivado das ladainhas.
As palavras da liturgia necessitadas de serem
recriadas, novamente ditas para serem novas* (Belchior 1988, p. 27).

Gramática do Mundo, ponderada estreia tardia, como a de António Gedeão, é um livro de clara maturidade poética que, valendo-se livremente de estéticas recentes, parece querer recriar palavras da liturgia e da vida comum, que nele podem ser contempladas fora do quadro de uma explícita religiosidade.

Estruturado em cinco partes, que apontam, mas quase nunca exclusivamente, para as áreas semânticas ou semióticas do corpo, da natureza, da infância, da oratória e da arte poética, os seus poemas, como regra mais longos do que os de *Nossa Senhora*, transportam temas e motivos de «quotidiana inquietação», por vezes temperados com inesperado humor, e dão conta de uma drummondiana «luta com palavras», corajosa, obstinada, fecunda, a que se refere o início de uma hipotética «Arte poética?» (Belchior 1985, p. 103):

*Luto com as palavras como quem luta
com fantasmas? Vêm e vão, prendo-as
e fixo-as ao papel. Domesticadas
ei-las no entanto carregadas de sentido e de mistério [...].*

Neste livro, o discurso interrogativo que aparecia com frequência nos poemas de *Nossa Senhora* é ainda mais dominante. O poema da primeira das cinco partes contém passagens como estas (Belchior 1985, p. 11):

*Companhia sossegada, alguma vez sossegada?
[...]
Companhia serena
sê-lo-á?
[...]
Com o corpo andamos,
falamos, amamos — só o corpo? Sem ele
paramos?*

E o poema tem esta conclusão, que aliás remete para a sua epígrafe, um verso do esquecido poeta Vítor Matos e Sá:

*[...] Não há dúvida: o corpo continua
por explicar*

Este breve poema, uma décima, poderia representar bem o livro de que *é incipit*. As suas quatro interrogações convivem com uma certeza, que, todavia, se abre a outra dúvida, ou a mais interrogações. E as interrogações podem implicar Deus, o mundo, a natureza, o corpo, mas também a própria linguagem. Num só poema de 13 versos (Belchior 1985, p. 103) podemos deparar com estas:

*— Luto com palavras como quem luta / com fantasmas?
[...]*

- *Mas será que só o «fingimento» as colhe e torna / grávidas de poesia?*
- *Engravida-se a palavra / de vento, de lamento, de sonho ou de nada?*
- *[...] penetrada de real. Mas que real?*
- *O imaginário a invadir como animal / o quintal da nossa quotidiana vida?*

E o último poema do livro, com 17 versos, contém oito interrogações (Belchior 1985, p. 108):

- *[...] esta quotidiana inquietação / razão diária de gozo e dor?*
- *Onde as palavras purificadas / do lastro do uso das nossas falas mortais?*
- *Não mais na linha do horizonte a Palavra?*
- [...]
- *[...] hão-de revelar e decifrar o verdadeiro nome das coisas?*
- *[...] hão-de dizer homem, mundo, amor?*
- *Na linha do horizonte impossível?*
- *a Palavra?*
- *Só no fim dos tempos decifrada?*

Interessante seria elaborar uma tipologia das perguntas ou da formulação das perguntas. Notaríamos que são quase todas feitas em orações interrogativas, raramente em orações declarativas e nunca em imperativas, alternativas ou dicotômicas. Mas não menos interessante seria verificar a quem são dirigidas as perguntas (Deus, Nossa Senhora, mas também, por exemplo, o corpo, a natureza, a linguagem...) e como se define quem pergunta: naturalmente ignorante, às vezes de douta ignorância, hesitante, inquieto e inquietante para si mesmo (e para quem leia), mas sobretudo ansioso por penetrar nos enigmas que o incomodam e desafiam, mesmo se globalmente opacos («decifração de quê?»).

As perguntas, que não são ociosas, um perguntar por perguntar, parecem impor-se como um apelo urgente de sobrevivência. Algumas serão de tipo socrático, dispensam as respostas ou valem como respostas; de acordo com Almada Negreiros, uma pergunta bem formulada não precisa de resposta. Aliás, a autora não concebe a possibilidade de obter boas respostas neste mundo. Veja-se como termina a *Gramática do Mundo*:

- Na linha do horizonte impossível?*
- a Palavra?*
- Só no fim dos tempos decifrada?* (Belchior 1985, p. 108)

Ou veja-se esta passagem de outro poema:

- a Palavra por Deus ao princípio anunciada e depois, no fim dos tempos em plenitude pronunciada* (Belchior 1985, p. 19).

Até em poemas que parecem laicos a poesia de Maria de Lourdes Belchior pode convocar a transcendência, e pedir a transição do verbo comum ao Verbo divino. Por isso, ela justificaria uma reflexão sobre a teopoética, ou sobre a relação da poesia com a teologia, com a mística (de que largamente se ocupou a ensaísta), e com a religião. Não por acaso, Maria de Lourdes Belchior fala em «teologia errada» e em teologia de «tom grave», contrapondo-lhe o «tu cá tu lá» de uma teologia ou liturgia «quase familiar». Talvez concordasse com Robert Lowth, que no século XVIII deu a hermenêutica teológica como deficitária por desconhecer a poesia hebraica, ou por não ensinar deleitando. Como outros poetas, mais antigos (Vitorino Nemésio, Cinatti, Sophia...), seus coetâneos, ou quase (Vasco Miranda, João Maia...), e um pouco mais novos (Jorge de Amorim, Echevarría, Vítor Matos e Sá...), até ao «vencido do catolicismo» Ruy Belo, sobre o qual escreveu no mesmo ano em que publicou a *Gramática*, Maria de Lourdes Belchior veio pela poesia propor uma visão do mundo cristã e católica bem distinta da de uma igreja antiquada, conservadora, beata e hipócrita. Uma visão e uma vivência, que reconheceriam todos os que, de vários quadrantes ideológicos, puderam avaliar o seu alto sentido ético, a sua bondade, a sua modéstia, a sua solidariedade, a sua tolerância, a sua generosidade.

Eu devo-lhe muito, e alegro-me por ter estado na origem da sua contratação pela Universidade da Califórnia em Santa Barbara, e de ter trabalhado para que a Universidade do Porto, para que ela me levou, a nomeasse sua *Doutora Honoris*, numa cerimónia em que fiz o elogio do padrinho que ela escolhera, David Mourão-Ferreira. Lembrei então o que dela dissera Orlando Ribeiro, e ela própria viria a referir no antológico «Retrato» da *Gramática*: que ela se parecia com um anjo de Estrasburgo. E acrescentei: «Percebo pouco de anjos, mas tenho a certeza que esse não é um anjo torto» como o de Drummond, antes será como os que Rilke viu não em Estrasburgo mas em Reims e em Chartres, “figuras sensíveis”, tutelares e serenas, ou séráficas, mesmo que sejam figuras enigmáticas, na medida em que transitam entre a terra e o céu, entre o visível e o invisível».

Foi publicada em 2014 uma antologia organizada por Tolentino Mendonça e Pedro Mexia com o título *Verbo: Deus como Interrogação na Poesia Portuguesa*. Entre os 13 poetas incluídos não figurou Maria de Lourdes Belchior. Mas também não figurou Carlos Queiroz, que escreveu o poema que melhor se ajustaria a essa antologia, o poema que começa: «À procura de Deus andamos todos nós / Poetas desde quando a poesia é poesia»...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1988. *Cancioneiro para Nossa Senhora — Poemas para uma Via-Sacra*. [S.l.: s.n.].
 BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1985. *Gramática do Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

